

**OS MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE A TV.  
LEITURA D'APOCALYPSE SHOW:  
INTELECTUALES, TELEVISIÓN Y FIN DE MILENIO,  
DE RAÚL RODRÍGUEZ FERRÁNDIZ \***

FELISBELA LOPES \*\*

Não é pelo título que chegamos ao essencial do livro. *Apocalypse Show: intelectuales, televisión y fin de milenio*, de Raúl Rodríguez Ferrándiz, é uma obra que nos abre múltiplas perspectivas para o estudo da televisão. Não se pode afirmar que contenha uma análise exaustiva do trabalho dos principais investigadores do audiovisual, mas é justo dizer que se trata de um livro de leitura obrigatória para aqueles que querem lembrar as obras de referência sobre o estudo da televisão ou para aqueles que pretendem iniciar uma investigação nesse campo. Ao percorrer as suas 354 páginas, o leitor encontra dezenas de indicações bibliográficas que remetem para autores considerados emblemáticos das diferentes tonalidades que pode assumir o discurso quanto ao rumo que a televisão vem ou possa vir a tomar. Das mais deliberadamente pessimistas às mais conscientemente optimistas.

Qualquer livro que seleccione para título a palavra «apocalipse» terá de carregar em cada página a sombra de *Apocalípticos e Integrados*, de Umberto Eco. A obra de Rodríguez Ferrándiz não é excepção e o professor da Universidade de Alicante faz mesmo questão de, logo no primeiro capítulo, se referir profusamente ao trabalho do semiólogo italiano (p. 40 e seguintes), mas não sem antes apontar as aventuras de Ulisses com a ninfa Calipso de quem, por antonomásia, toma o nome para falar da revelação do que está oculto (p. 29-30). Antes de chegar ao livro de Eco, há ainda espaço para

---

\* Biblioteca Nueva, Universidad de Alicante, Madrid, 2001.

\*\* Universidade do Minho.

falar do «Apocalipse de S. João», considerado «mais poderoso e arrebatador do que o de Ulisses, para alguns mera questão doméstica» (p. 31). É, no entanto, em *Apocalípticos e Integrados* que o autor de *Apocalypse Show* ganha fôlego para recuperar as diferentes visões daqueles que se ocuparam de um importante meio de comunicação de massas: a televisão.

No capítulo II, com quase cem páginas, Rodríguez Ferrándiz torna cativo um espaço para aqueles que designa como «apocalipses apócrifos». Poderia aqui entrar uma panóplia de nomes (Castoriadis, Chomsky, Debray, Debord, Enzensberger, Popper, Postman...). O professor da Universidade de Alicante opta por dar mais visibilidade a quatro: Giovanni Sartori, Paul Virilio, Pierre Bourdieu e Jean Baudrillard, considerados «novos profetas, apóstolos e evangelistas» (p. 73) aos quais nem falta o simbolismo bíblico dos nomes próprios: João, Pedro e Paulo.

Sartori consegue algum destaque pelo livro *Homo Videns* no qual traça o retrato de um indivíduo afogado em imagens que lhe usurpam a capacidade de perceber racionalmente o real. Rodríguez Ferrándiz invoca McLuhan, considerado «um dos mais eminentes pensadores integrados» (p. 86), para fazer entender que a partilha de certas premissas pode implicar raciocínios opostos. Se para o investigador canadense «o meio é a mensagem» e se a evolução tecnológica é encarada como coadjuvante do desenvolvimento, para Sartori, ainda que o meio continue a ser a mensagem, a relação de mediação entre a televisão (o emissor) e o respectivo telespectador (o receptor) atrofia o animal racional e simbólico que somos na medida em que qualquer informação é permanentemente convertida em espectáculo. Se o Evangelho de S. João anuncia que «no princípio era a palavra», este outro João garante que «no final está a imagem» e essa está longe de ser um lugar de racionalidades.

Embora seja visível o esforço por apresentar as teses do investigador italiano com alguma equidistância, Rodríguez Ferrándiz nem sempre obedece às regras de uma exposição imparcial. Não raras vezes, abre espaço para a apreciação crítica e frequentemente revela acutilância naquilo a que aponta o dedo. Por exemplo, quando se espanta com o facto de Sartori enveredar pela «ridicularização do alcance da era digital e multimedia, da nova imagem infográfica e da interactividade» (p. 93). Certamente que o hiato de quase meia década entre a obra e a respectiva apreciação facilitará a crítica, mas a verdade é que o académico espanhol não poupa termos reprovadores, quando pensa que se ultrapassa aquilo que seria razoável, mesmo para um posicionamento que se situa nos antípodas daquilo que pensa. Isto não invalidava que se sublinhassem algumas virtualidades das teses deste «apocalíptico». O que não é feito. Ainda que se discorde do pessimismo de Sartori, há que reconhecer pertinência a algumas das suas anotações, particularmente a interrogação que levanta relativamente ao lugar que poderá ocupar o «não visível» numa cultura da imagem ou, então, a constatação de que a televisão

actual tende a favorecer não um «Homo Sapiens», mas um «Homo Videns» que é cada vez mais um «Homo Ludens».

O segundo «apocalíptico» destacado é Paul Virilio para quem a imagem, nomeadamente a televisiva, atrofia a imaginação e prejudica a consolidação da memória natural. Na essência, o autor de «A Máquina da Visão» não difere muito de Sartori, mas Rodríguez Ferrándiz sabe aproveitar bem as variações de tom para com elas explorar outros caminhos. A multiplicação de ecrãs em diferentes lugares e a crescente incapacidade dos respectivos receptores de agirem sobre o campo televisivo são notas de Virilio que facilitam ao professor de Alicante uma incursão pelo panóptico de Bentham e uma referência à obra de Foucault *Vigiar e Punir*.

Mais do que reprovar as teses que expõe como faz em Sartori, Rodríguez Ferrándiz opta aqui por realçar o outro lado de certas afirmações. E fá-lo com agudeza. Nas suas palavras, «as máquinas de visão, para além de representarem de forma verosímil o mundo visível, fazem conhecer realidades inacessíveis à percepção directa e são capazes de criar realidades carentes de referência real. Em todos os casos descritos, constroem a realidade, não uma realidade insidiosa, mas genuína: há que reconhecer a construção da realidade tanto como a 'realidade da construção'» (p. 121).

Depois de João e de Paulo, aparece Pedro, o apóstolo de uma renúncia particular: a de «falar e a (de) deixar-se ver»(p. 126) na forma que o audiovisual impõe. É exactamente este o posicionamento de Pierre Bourdieu. No seu livro *Sobre a Televisão*, que é aqui a referência, o sociólogo francês mostra-se demolidor em relação ao pequeno ecrã, um meio que considera abafado por uma paleta de constrangimentos que usurpam o direito à livre expressão. Diz-se aquilo que o dispositivo televisivo possibilita dizer – algo que Bourdieu pretende contornar, impondo regras que, como ele próprio também admite, retiram parte da eficácia comunicativa. No entanto, isso não é suficiente para que se reconheça as virtualidades de (aprender a) falar de acordo com os constrangimentos conhecidos.

Rodríguez Ferrándiz é parco nas citações da obra de referência que toma deste sociólogo francês. Se a ideia era mostrar as limitações de um discurso que pretende reflectir um meio de comunicação de massas sem lhe reconhecer aquilo que lhe é idiossincrático, talvez fosse conveniente ir mais além nas citações da obra. Todavia, realça-se o facto de se apontar o não-dito. Um exemplo: «Bourdieu pensa que o público televisivo acolheria de forma entusiástica outro tipo de programação, mais exigente, mas deixa por explicar como é que se consome massivamente o que se oferece» (p. 131).

De Pedro passa-se para João, chamado no Evangelho de «discípulo amado» de Jesus e autor do *Apocalipse*. Aqui fala-se do sociólogo francês Baudrillard. *A Transparência do Mal* e *O Crime Perfeito* são as obras destacadas para abordar o seu pensamento em relação aos *media* em geral e à televisão em particular. Na senda dos anteriores, também este apocalíptico

exprime um pessimismo epidérmico em relação ao audiovisual. Num mundo povoado de imagens, o homem torna-se incapaz de viver fora de uma construção imagética engendrada por uma tecnologia que renova permanentemente um mundo de simulacros cada vez mais desligado do real.

Não seria certamente redundante ir mais além na obra de Baudrillard e referir, por exemplo, o capítulo «Requiem pelos *media*» do livro *Para uma crítica da economia política do signo* no qual este sociólogo francês se envolve numa polémica com o escritor e filósofo Hans Magnus Enzensberger – muito citado por Rodríguez Ferrándiz – que, em 1970, publicara um artigo na «Left Review», intitulado «Constituents of a Theory of the Media», no qual criticava os intelectuais da esquerda ocidental por aquilo que considerava ser uma incapacidade deles para compreender o desafio que os *media* electrónicos constituíam para as formas de acção e organização políticas. É na contestação a esta crítica que Baudrillard revela, sucinta mas claramente, o seu pensamento acerca dos *media* que considera meios potenciadores de uma relação social feita de «abstracção e separação» onde se torna difícil (impossível?) instituir qualquer possibilidade de resposta efectiva. É exactamente nessa unilateralidade da comunicação que se recolhem elementos para falar do poder dos *media* e da força dos simulacros por eles instituídos.

À medida que se avança o segundo capítulo, torna-se evidente a discordância de Rodríguez Ferrándiz em relação às teses apocalípticas dos *media*. Citando Eco, o professor espanhol diz que «muitos daqueles que demonizam a televisão são os mesmos que a vêem de soslaio, com a mão do pudor sempre posta sobre os olhos, mas mantendo os dedos separados» (p. 151). Três páginas antes deste palpito, reteve-se o factual: «os telespectadores são os grandes ausentes da análise» (feita pelos autores citados) (p. 148). Aí está uma falha bem apontada e feita no sítio exacto. Mesmo quem esteja menos familiarizado com os estudos que colocam o receptor no centro das suas análises percebe a importância desta instância da comunicação e sente uma certa estranheza face à respectiva omissão nas investigações citadas. Em contrapartida, o professor da Universidade de Alicante parece dedicar aos estudos de recepção um interesse extremo e fá-lo convocando, pelo menos num primeiro tempo, não os teóricos reconhecidos na matéria (embora os conheça, como se vê na bibliografia final e nas notas de rodapé do livro), mas o senso comum: «60 anos depois do aparecimento da televisão, o telespectador encontra-se mais prevenido, mais consciente das possibilidades e limites do meio» (p. 153). Mais de cem páginas à frente, Rodríguez Ferrándiz serve-se de Certeau para afirmar, juntamente com o autor de *A Invenção do Quotidiano*, que quem recebe uma mensagem tem um poder para travar o caudal de escritos e imagens veiculados pelos *media* (p. 278). Porque, como se havia sublinhado anteriormente, «o discurso dos *media* não urbaniza um terreno baldio» (p. 159). Mas é convocando Matte-

lart que se consegue a observação mais pertinente: «quicá a superação da dialéctica 'apocalípticos/integrados' diante da comunicação de massas possa vir da revalorização da instância receptora». As conferências de Daniel Dayan e de Jean Pierre Esquenazi proferidas, no verão de 2001, no Curso da Arrábida, em Portugal, subordinado ao tema «Públicos/Televisão», poderiam aqui ser um suplemento valioso.

Contrabalançando com o olhar dos apocalípticos, Rodríguez Ferrándiz abre um capítulo, o terceiro, para aquilo a que chama «optimismos televisivos». Nele, começa por destacar dois nomes do pós-modernismo, os de Lipovetsky e de Vattimo, para realçar tons mais positivos do universo dos *mass-media*. No entanto, para que estas visões mais integradas não sejam consideradas um espírito do tempo, lembra que, já em 1935, Rudolf Arnheim afirmava o seguinte: «a televisão muda a nossa atitude diante da realidade: faz-nos conhecer melhor o mundo e, em particular, dá-nos uma sensação da multiplicidade do que está a ocorrer simultaneamente em diferentes lugares (...) no fim reconhecemos o lugar onde estamos como um entre muitos: tornamo-nos mais modestos e menos egocêntricos» (p. 220).

Se o leitor está à espera de encontrar, neste capítulo, teses que proclamem, sem reservas, os benefícios dos meios de comunicação social, percorrerá estas páginas com alguma desilusão. Se d' *O Império do Efémero*, de Lipovetsky, ainda se consegue retirar a ideia de que o divertimento proporcionado pelos *media* não deve ser encarado como algo que embrutece o espírito (p. 200), d' *A Sociedade Transparente*, de Vattimo, extrai-se uma visão que nos exige algum retraimento, mas que está em perfeita consonância com o pensamento do professor da Universidade de Alicante, que defende ser «conveniente esfriar os efeitos da televisão sobre o telespectador», o que, na sua opinião, «desautoriza tanto as calamidades como as bênçãos» (p. 212).

Seguindo Vattimo, Rodríguez Ferrándiz fala-nos da multiplicação das visões do mundo proporcionadas pelos *media* em geral, e pela televisão em particular, o que torna mais evidente a opacidade do mundo e a impossibilidade da transparência daquilo que vemos. Ao publicitarem diferentes realidades, os *media* conferem visibilidade àquilo a que Vattimo chama «racionalidades locais» (minorias étnicas, sexuais, religiosas, culturais ou estéticas), tornando-as, conseqüentemente, mais conscientes da sua existência. «É-se» na medida em que se «é dado a ver». Adquire-se uma identidade na exacta proporção de uma existência catódica.

Do autor d' *A Sociedade Transparente* Rodríguez Ferrándiz retoma a noção de «experiência estética», que seria uma «forma de experimentar, pela imaginação, outros modos de vida diversos daqueles que dominam a nossa quotidianidade» (p. 225). Aqui será fácil ver a televisão como um motor dessa estetização. No entanto, julgamos que este caminho, bem pertinente, teria ficado mais enriquecido se à evocação de Dilthey se tivesse adicionado

uma referência à obra de Michel Maffesoli, cuja ausência aqui não deixa de ser estranha.

De Edgar Morin colhe-se a ideia da «estrutura semântica básica da cultura de massas», explicada pelo «sincretismo de dois âmbitos que a ideologia defende que se mantêm separados: a informação e o imaginário ficcional» (p. 229). Esta diluição de fronteiras entre o campo informativo e a ficção é um vector importante para pensar a televisão de hoje e que tem sido alvo de permanente estudo por parte dos investigadores do audiovisual. Veja-se, a título de exemplo, as investigações de François Jost, particularmente o seu último livro intitulado *La télévision du quotidien: entre réalité et fiction* (ed. De Boeck Université, Bruxelles, 2001). Ainda que o alerta fique ao nível do não-dito, percebe-se que o repto lançado àqueles que se interessam pela televisão é o de se atender a uma progressiva fluidez de fronteiras entre o real e a ficção que acontece dentro e fora do ecrã. O livro de Neal Gabler, *Vida: o Filme. Como o entretenimento conquistou a realidade* (S. Paulo, Companhia das Letras, 1999), seria aqui uma pertinente referência. O autor prefere enveredar por exemplos mais conhecidos. É o caso de filmes como «The Truman Show», de Peter Wier; ou, então, o formato da Endemol «Big Brother». Na ficção, assim como na informação, importa, acima de tudo, que se simule a «autenticidade».

A este esbatimento de géneros não é alheio um conceito de programação enquanto «fluxo». Para explicar esta noção, recorre-se, e bem, aos trabalhos de Raymond Williams que constituem um marco pioneiro nos estudos académicos contemporâneos sobre grelhas televisivas. Ao estudar em meados dos anos 70 os modelos televisivos da Grã-Bretanha, este sociólogo britânico fez notar a emergência de uma nova forma de comunicação televisiva que explicou no seu livro *Television, Technology and Cultural Form*. Nas quase cinco páginas que dedica ao trabalho de Williams (pp. 248-253), Rodríguez Ferrándiz consegue fazer entender que as novas tecnologias vieram alterar o conceito estático da programação. Programar passa de uma mera «distribuição e ordenação de programas descontínuos» para um «fluxo contínuo televisivo», assumindo-se o pequeno ecrã como uma ininterrupta sucessão de imagens cuja lógica escapa ao telespectador. A televisão deixa de valer pelos programas singulares que transmite para readquirir o seu valor através da soma combinatória de todos eles, ou seja, pelo contínuo fluxo de imagens e sons.

Há, no entanto, uma classe de acontecimentos que impõe uma ruptura neste fluxo, marcando um território que assume forma distintiva. São os chamados «acontecimentos mediáticos», sobejamente estudados por Daniel Dayan e Elihu Katz (*A História em Directo: os acontecimentos mediáticos na TV*, Minerva, Coimbra, 1999). Rodríguez Ferrándiz não os ignora, nem tão pouco desconhece a obra daqueles que mais atenção lhes dedicaram. Na sua definição, trata-se de «acontecimentos de relevância nacional ou interna-

cional que congregam diante do televisor grandes audiências e que provocam um efeito integrador, coeso das sociedades, uma consciência de destino comum, solidário e comunitário» (pp. 254-5). Para quem desconhece a obra de Dayan e de Katz, as quase vinte páginas que Rodríguez Ferrándiz lhes reserva parecem-nos suficientes para perceber o essencial dos eventos mediáticos: os seus elementos sintácticos, a sua especificidade semântica e a sua dimensão pragmática.

Antes, porém, de abrir um capítulo para os considerados «optimistas» da televisão, opta o autor por integrar um ponto que lhe serve para abordar a distinção que Eco faz entre «paleo-TV» e «Neo-TV». Da primeira – que ilustra um modelo televisivo pedagógico, com géneros e públicos delimitados – Rodríguez Ferrándiz é parco em explicações. O mesmo não se passa com o segundo modelo que Eco faz, de certa forma, coincidir com a abertura do panorama audiovisual à iniciativa privada.

Para além das pinceladas dadas ao nível da «semiótica da neo-TV» (pp. 161-2), o professor da Universidade de Alicante salienta os principais traços deste novo modo de fazer e ver televisão: a incorporação do público nas emissões televisivas (p. 165); a importância dos pivots respeitarem aquilo a que Eliseo Veron chamou «o eixo Y-Y» (Yeux-Yeux), ou seja, de estabelecerem uma contacto visual com o telespectador (p. 166); a visibilidade das câmaras (pp. 167-8); a multiplicação de ecrãs dentro do pequeno ecrã (p. 168). Desta enunciação de características chega-se rapidamente a um modelo de televisão que se movimenta entre a «amiga», a «anfitriã» ou a «confidente», epítetos muito conhecidos para quem segue, por exemplo, os trabalhos da socióloga Dominique Mehl. Podemos dizer que Rodríguez Ferrándiz aborda o essencial com bastante pertinência, mas, já no final deste capítulo, a afirmação de que a neo-TV «não pretende transmitir um saber à massa, mas oferecer um espaço de confrontação de opiniões sem hierarquias, sem cair na tentação de ceder a palavra só ao perito autorizado» suscita-nos (muitas) reservas. Basta ler alguns dos estudos de Sébastien Roquette (*Vie et mort des débats télévisés : 1958-2000*, Ed. De Boeck, 2002, por exemplo) para que tal afirmação seja contestada.

Para a parte a que chamou «epílogo», Rodríguez Ferrándiz reservou algumas notas sobre os apocalípticos (pp. 329-334) e os integrados (p. 334-339). Não se trata de uma síntese das visões focadas ao longo do livro, antes se faz um exercício onde se submete a estes dois posicionamentos a noção de espectáculo, reprovada pelos primeiros e exaltada pelos segundos. Nesta última parte, há ainda espaço para citar um texto de Francesco Casetti («Lettera A Enzensberger») em que este investigador italiano descreve três atitudes que a sociedade pode ter diante dos *media*, ora encarando-os como «meios de difusão», ora como «meios de representação», ora ainda como «meios de relação». Cada uma destas formas merece uma sucinta, mas muito inteligível explicação. No entanto, aquilo que retemos são as palavras

finais do livro em que o autor nos liberta do peso de uma influência dedá-  
lica da televisão. «Não somos doentes terminais alimentados pelo ecrã»  
(p. 349), porque, como se conclui mais à frente, «a vida dos indivíduos  
da sociedade televisiva não pode reduzir-se às imagens que consomem»  
(p. 354). Como é (bem) lembrado, «há outros pólos de interesse: o amor, a  
amizade, o trabalho, a família, as viagens». Afinal este «apocalipse show»  
que parece ser a televisão tem mais um poder aparente do que real.